



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE**

Roseli Aparecida Gonçalves

Brasília

2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

## **A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE**

Roseli Aparecida Gonçalves

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Brasília

2013

Roseli Aparecida Gonçalves

## **A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

### **Comissão Examinadora:**

---

Professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (orientadora)  
**Universidade de Brasília - UnB**

---

Professora Maria da Conceição Silva Freitas (examinadora)  
**Universidade de Brasília - UnB**

---

Professora Denise de Oliveira Alves (examinadora)  
**Centro Universitário Planalto do Distrito Federal - Uniplan**

Brasília

2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me dar ânimo quando eu já estava exausta; aos meus pais, pela referência e dinâmica familiar; e aos poucos, mas grandiosos, amigos e irmãos que estão sempre me incentivando a lutar pelo meu ideal.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dr<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, minha orientadora, pelas qualificadas orientações e aguçada sensibilidade em lidar com as circunstâncias. Sou grata, por acreditar no meu trabalho, nas minhas ideias e, acima de tudo, acreditar no potencial de um ser humano que quer contribuir a uma íntegra educação.

Às professoras, Maria da Conceição Silva Freitas e Denise de Oliveira Alves que, gentilmente, aceitaram contribuir e participar da banca.

À minha família pelo apoio e incentivo; em especial ao meu irmão Jonas Rodrigo Gonçalves, que esteve presente ao meu lado me incentivando e qualificando este trabalho com as correções de português.

À Rosilene da Silva Moura que durante a minha formação esteve ajudando-me a enfrentar muitos obstáculos, com atitudes flexíveis que ampliavam minha visão nesse curso.

Aos demais que não foram mencionados, mas que estarão guardados no meu coração e na minha memória.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

GONÇALVES, Roseli Aparecida. *A contribuição da afetividade na prática docente*. 70 p. Brasília-DF. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

## RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo investigar a contribuição da afetividade na prática docente. Tal investigação foi realizada mediante a análise de questionários respondidos por treze professoras que estão atuando na educação infantil e ensino fundamental. Pretende-se identificar a relevância desse construto teórico no espaço escolar que interfere no processo de ensino e aprendizagem. Descrevemos os aspectos teóricos da afetividade, o que esta apresenta e como contribui à prática docente. Vários teóricos subsidiaram a construção dessa pesquisa, como Wallon (1975, 1989, 2007), Cerqueira e Sousa (2011), Franco (2002), Dantas (1992), Chalita (2004), dentre outros. Destaque, também, para a vivência da pesquisadora, tanto na universidade quanto em sala de aula, vivência construída ao longo da vida e da formação no curso de Pedagogia. O método adotado foi o qualitativo e para construção das informações utilizamos como instrumento indutor o questionário semi-estruturado. Esses questionários foram aplicados a treze professoras da rede particular e pública de ensino básico. Diante da análise das informações, observou-se que as treze professoras dessas instituições educacionais percebem a importância da afetividade nas relações interpessoais, porém sentem dificuldade em exteriorizar suas emoções. Evidenciamos fatores que favorecem como: o respeito, o diálogo, o senso crítico, e outros que desfavorecem como: a baixa autoestima, a agressividade, a indisciplina, que refletem na prática pedagógica junto aos alunos que integram a díade educacional/social. Conclui-se que a afetividade é importante no dia a dia do contexto escolar, pois é uma aliada ao processo de aprendizagem, fornecendo um arcabouço de meios, auxiliando na didática aplicada pelo docente, bem como na formação da personalidade do aluno.

**Palavras-chave:** Afetividade, Prática Docente, Professores, Alunos

GONÇALVES, Roseli Aparecida. *A contribuição da afetividade na prática docente*. 70 p. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

## ABSTRACT

The research in question aims to investigate the contribution of affectivity in teaching practice. This investigation was conducted by analysis of questionnaires completed by thirteen teachers who are working in early childhood education and elementary education. It is intended to identify the relevance of this theoretical construct in the school that interferes with the process of teaching and learning. We describe the theoretical aspects of affectivity, which presents and how this contributes to the teaching practice. Several theorists have subsidized the construction of this research, as Wallon (1975, 1989, 2007), Sousa and Cerqueira (2011), Franco (2002), Dantas (1992), Chalita (2004), among others. Featured, too, for the experience of the researcher, both at university and in the classroom, experience built lifelong and training in pedagogy courses. The method used was qualitative and used for construction of information as an instrument to induce a semi-structured questionnaire. These questionnaires were administered to thirteen teachers from private and public education. Before the data analysis, it was observed that the thirteen teachers of these educational institutions realize the importance of affection in interpersonal relationships, but find it difficult to express their emotions. As evidenced factors that favor: respect, dialogue, critical thinking, and others who disfavor as: low self-esteem, aggression, indiscipline, reflecting on teaching practice with students comprising the dyad educational / social. We conclude that the affection is important in everyday life of the school context, because it is an ally to the learning process, providing a framework for media, assisting in teaching applied by the teacher, as well as in shaping the personality of the student.

**Keywords:** Affection, Practice Teaching, Teachers, Students



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Categoria 1 – Compreensão da Educação Afetiva .....	48
<b>Quadro 2:</b> Categoria 2 – Importância da Afetividade na Relação Professor x Aluno .....	50
<b>Quadro 3:</b> Categoria 3 – Ausência da Afetividade na Educação .....	52
<b>Quadro 4:</b> Categoria 4 – Ganhos da Prática Docente Afetiva .....	54

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I – MEMORIAL ACADÊMICO .....</b>	<b>13</b>
<b>PARTE II – MONOGRAFIA .....</b>	<b>21</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO I: REFERENTES TEÓRICOS – AFETIVIDADE .....</b>	<b>24</b>
1.1 Conceitos de afetividade .....	24
1.2 Emoções, Sentimentos e Paixões .....	29
1.3 Afetividade aplicada à prática docente, à luz de Henri Wallon .....	31
<b>CAPÍTULO II: CARACTERÍSTICAS DA PRÁTICA DOCENTE .....</b>	<b>36</b>
2.1 A escuta: uma demonstração de afetividade .....	38
2.2 Conceito de processo de aprendizagem .....	40
2.3 Conceito de processo educativo .....	41
2.4 Diferença entre processo de aprendizagem e conceito de processo educativo .....	42
<b>CAPÍTULO III: METODOLOGIA .....</b>	<b>44</b>
3.1 Método.....	44
3.2 Participantes .....	44
3.3 Instrumento .....	45
3.4 Procedimentos .....	46
<b>CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>47</b>
4.1 Técnica de análise de conteúdo .....	47
4.2 Análise dos dados obtidos .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
<b>PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>60</b>
Consultados .....	63
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>66</b>
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	67
Apêndice 2 – Roteiro da pesquisa de campo (Questionário) .....	68

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa foi dividida em três partes – na 1ª parte consta o memorial acadêmico, que engloba o meu percurso educacional. A 2ª parte integra a minha monografia, na qual o primeiro capítulo traz à tona uma discussão fundamental e um resgate sobre as nossas emoções, sentimentos e paixões, além de dispor de um aparato de ideias do mestre Wallon (1989, 2007), envolvendo o público alvo da educação imbuída da afetividade em sua prática docente.

O segundo capítulo adentra nas características da prática docente, mediante a escuta sensível, bem como no que tange ao conceito de aprendizagem, ao conceito de processo educativo e à diferenciação desses. Compreende que a formação continuada dos professores e o trabalho pedagógico da escola são de grande relevância aos alunos para que sejam motivados diariamente, não somente com atividades curtas, mas também buscando meios lúdicos que possam chamar a sua atenção para o objeto/meio de estudo. Aborda a prática pedagógica, uma vez que se busca a qualificada formação inicial e a esperada formação continuada desses professores, levando-se em conta a heterogeneidade das salas de aula e a perspectiva crescente da área educacional. Alguns dos teóricos apresentados neste capítulo foram essenciais para o enriquecimento dessa produção: Wallon (2007), Cerqueira e Sousa (2011), Dantas (1992), dentre outros.

O terceiro capítulo aborda: a metodologia, o método utilizado, os participantes atuantes, o instrumento preponderante e o procedimento fundamental. O cunho metodológico foi a pesquisa qualitativa com a finalidade de aprofundar os conhecimentos humanos referentes à relação da afetividade com a prática docente. Dentro deste capítulo veremos a análise do instrumento de pesquisa, que fora utilizado para a construção das informações, o instrumento indutor - o questionário semi-estruturado.

No quarto capítulo apresentam-se as análises dos resultados, no qual informamos os resultados encontrados nesta pesquisa, fortalecendo o estudo da teoria de Franco (2002).

Por fim, apresentamos as considerações finais, que englobam o intuito dessa pesquisa, que se caracterizam as perspectivas de outros estudos sobre o tema da afetividade, além dos resultados relativos aos objetivos aqui propostos.

Na 3ª parte – veremos as perspectivas profissionais futuras da pesquisadora/autora deste trabalho.

## **PARTE I**

### **MEMORIAL ACADÊMICO**

## MEMORIAL ACADÊMICO

O presente memorial tem por objetivo descrever a minha trajetória educacional, destacando as principais atividades desde a educação infantil até o atual momento na Universidade. Registro, também, neste documento, as principais preocupações, aflições, receios, anseios, dúvidas, bem como as minhas perspectivas de estudo e pesquisa em relação a esse curso. É um texto descritivo, no qual predominam os momentos significativos, o senso crítico, e é também uma conversa comigo mesma.

Fui uma criança muito quieta, falava pouco, observadora e, desde cedo, muito sensível. A primeira característica citada era prejudicial, pois dificultava a minha socialização com as outras crianças e adultos que me rodeavam. A todo o momento, tinha esta percepção.

Minha família é muito preocupada uns com os outros, o meu pai, a minha mãe e os meus oito irmãos. Conversamos e interagimos sobre o que acontece com cada um de nós, tanto no aspecto positivo quanto no negativo, procuramos nos reunir nos fins de semana, e ainda, pelo fato de alguns irmãos morarem em estados distintos, os encontros acontecem nas festas de final de ano também. Existe muito afeto e preocupação entre todos nós.

É latente uma forte recordação de uma fase da minha infância, uma vez que havia preocupação familiar quanto à minha timidez, lembro-me bem de que, certo dia, mamãe estava bastante preocupada conversando com minha irmã mais velha, (esta é muito sutil e, geralmente, auxilia-nos a lidar melhor com determinado problema - possui um afeto aguçado), pois bem, estavam conversando sobre o meu comportamento e que provavelmente iriam me levar a uma psicóloga, (ambas não tinham me visto no ambiente), e eu permaneci quieta, somente ouvindo aquela mútua aflição. É uma cena que insiste a ser rerepresentada a mim. Passado aquele dia, elas não tocaram mais neste assunto, e/ou tomaram maior cuidado em falar sobre isso. Ocorre que, talvez, tivessem desistido desta ideia, pois naquela fase não frequentei terapia alguma.

Ingressei na escola, aos cinco anos, lembro-me bem daquele lugar, era destinado somente à educação infantil, pertencia ao município de Praia Grande-SP, um local atrativo, com muita cor e bastante arborizado. Sempre estive rodeada pelos meus irmãos mais velhos, sendo quatro homens e quatro mulheres, e dos oito, tenho quatro que alguma vez na vida já lecionou em algum lugar. Por sinal, meus irmãos me levavam até à escola, e também me buscavam, pois minha mãe tinha algumas ocupações em nosso lar, como o acompanhamento pedagógico às crianças dos anos iniciais, e ensinava corte/costura também, ela adora mediar aprendizados, forte influência à docência dentro de minha própria casa.

Na educação infantil, tive uma adaptação progressiva devido à minha timidez um tanto quanto acentuada, no entanto, sempre fui muito aplicada nas atividades propostas. O meu espaço físico predileto era o parque, era lá que me sentia livre e solta, aquele local proporcionava-me a tão prazerosa integração. Aos poucos, adquiri confiança e fui estimulada pela doce professora a interagir com as demais crianças, recordo das apresentações de dança, das cantigas de roda, das estórias, um mundo novo que via surgir rotineiramente, e que me fazia sonhar.

Recordo-me dessa delicada professora, muito carinhosa conosco, a qual incentivava todos a participarem das apresentações festivas, inclusive, consegui soltar-me e ter papéis principais nessas apresentações, fiquei somente dois anos na educação infantil.

Os anos se passaram, logo, aos sete anos, eu rumava ao Ensino Fundamental, ainda no litoral de São Paulo, onde se atribuíram novos aprendizados e maior número de professores, como é bom recordar de algumas situações e características que levamos pela vida toda.

Nessa época, durante o Ensino Fundamental, também tinha uma professora de português, que realmente foi uma das pessoas a quem devo a minha prática de leitura. Nossas aulas englobavam a questão da formação do leitor, o proposto por esta professora era lermos um livro infantil a cada semana e tecer comentários sobre ele. Cada aluno tinha a sua pasta fichário, na qual inseríamos os nossos comentários a respeito daquele livro lido, ou seja, no final do ano, tínhamos a noção da quantidade de estórias lidas e de seus

respectivos assuntos. Havia outras atividades curriculares; ditado, criação de texto em grupo etc., mas quando pegávamos aquele fichário era o momento mais prazeroso de nossas aulas. Uma aula bem dinâmica que unia a teoria e a prática em um só contexto.

Digamos que, sem dúvida, essa professora tinha muito compromisso e autonomia perante a direção, pois foi muito aclamada pelos demais docentes, pudemos presenciar elogios a sua prática docente, além de ser um ser humano que ansiava por nos mostrar o mundo por meio dos contos infantis, o brincar de sonhar. Uma época marcada de muita participação e envolvimento, enfim, lembro-me dessa atividade e dessa pessoa, sempre.

Lembro-me, ainda, de ter outra professora marcante, também no Ensino Fundamental, a qual lecionava Geografia, ela elaborava conosco jogos e atividades bem lúdicas para entendermos sobre as capitais nacionais, em todas as aulas ela dispunha de materiais próprios: cartolina, lápis de cor, canetinha, caixas de fósforos, massa de modelar etc, e levava-nos ao mundo prático, no qual interagíamos uns com os outros, e aprofundávamos o nosso conteúdo curricular de forma prática e acessível. Em uma dessas aulas aprendemos a fazer um dominó gigante das capitais do Brasil, por sinal, muito bem elaborado, e, durante um bom tempo, começávamos a aula com aquela brincadeira dirigida.

Minha jornada continuava rumo ao Ensino Médio, também no litoral de São Paulo, época dos conflitos internos, os quais florescia o meu senso crítico; infelizmente, o corpo docente no qual fui destinada não era o que realmente esperava, ou seja, tendo poucas inovações, pouca orientação e, principalmente, pouco aprendizado.

Nesse período, mediava o conhecimento somente com meus livros e meu grupo de amigos, enfim, a observação e a curiosidade ajudaram-me nessa fase tumultuada, pois me sentia despreparada e desestimulada a seguir em frente.

Após a conclusão do mal sucedido Ensino Médio, recaí em um período de indecisão em minha trajetória educacional, prolonguei por um tempo razoável o retorno aos bancos educacionais, mas sempre em mente que, mais cedo ou mais tarde, retomaria os meus estudos.



Mudei-me para Brasília no ano de 2002, aqui pude conviver com pessoas dinâmicas que, juntamente com minha família, reforçaram a ideia do meu retorno aos bancos educacionais, pessoas que sempre me incentivaram e alertaram-me da necessidade de atualização/reciclagem. Então percebi que havia mais uma etapa pela frente, sempre temos de recomeçar, surgia então a tão almejada graduação, pois amadureci a vontade de conhecer o novo, de aprender a aprender.

Por já estar inserida no mercado de trabalho, trabalhando o dia todo, optei em ingressar em uma instituição privada, no curso de Pedagogia, este seria arcado pela empresa a qual tenho vínculo empregatício.

Como todo trabalhador, após um dia cansativo de trabalho, eu queria algo que prendesse a minha atenção, e naquele lugar não encontrava o foco, a dimensão da proposta acadêmica frustrava-me, infelizmente, aulas desmotivantes geram alunos desmotivados. Foram tempos difíceis, porém, busquei acompanhar o que tinha acesso.

No entanto, havia uma insatisfação enorme e que se tornou o forte motivo para mudar de instituição, aliada com a iniciativa de uma amiga que me orientou sobre a transferência facultativa que a UnB disponibilizava, fiquei empolgada e percorri as etapas obrigatórias a fim de ingressar nessa Universidade Federal.

Nessa perspectiva, minha outra jornada de inserção na graduação começava em uma tarde chuvosa, o lugar era imenso e havia muito verde, o vento batia em meu rosto e aliviava minha alma, era o início do meu percurso, rumo a um grande sonho, ou seja, a tentativa de iniciar um curso na renomada Universidade de Brasília.

Aquela primeira etapa iria, talvez, proporcionar-me tudo aquilo que mais queria. A sala de aula estava cheia, a tensão e a ansiedade eram explícitas, eu estava participando da prova que fui inscrita por meio da referida transferência facultativa. Iniciava-se o processo de seleção à tão sonhada vida acadêmica, na conceituada Universidade de Brasília.

Durante a prova a minha concentração era essencial, permitindo-me equilíbrio naquele momento de suma importância, o tempo passava, e eu deixava fluir todo o conhecimento adquirido naqueles dias sobre os livros,

estudos que antecederam esta jornada. O resultado saiu em poucos dias, e com ele, aproximava-me da segunda etapa de classificação, a prova dissertativa referente ao curso desejado, o de Pedagogia.

Dessa vez, havia uma concentração menor de concorrentes, o que já era esperado, mas, ainda assim, a minha ansiedade parecia maior. Afinal, era o começo de mais um caminho a percorrer, e quando recebi as questões, respirei profundamente, com muita concentração desenvolvi minha argumentação embasada nas concepções estudadas.

Após alguns dias, saiu o resultado, a emoção foi tão forte, um momento único, que será sempre lembrado, a concretização daquilo que eu tanto desejava, e a sensação maravilhosa daqueles novos tempos que se iniciavam.

Eu estava aprovada, para o primeiro semestre de 2009. Nossa que felicidade! Minha vida iria transformar-se. Essa era minha vez de aprender a aprender, conhecimentos e amadurecimentos ao longo do processo de minha formação.

Em uma noite de luar intenso, o tão sonhado primeiro dia de aula havia chegado, senti e sinto-me muito bem diante de toda essa oportunidade, que muitos anseiam, e eu havia conquistado com determinação e esperança, era o ingresso para a vida acadêmica na Universidade de Brasília, precisamente, na Faculdade de Educação.

A educação é, sem dúvida, dádiva à humanidade, e com esta o esclarecimento real de nós mesmos. A educação é algo concreto, é, antes de tudo, a concretização da ponte que nos leva a ler o abstrato, a cultura, as modificações de nossas gerações, o caminhar das edificantes descobertas.

Levo sempre comigo um lema, na verdade uma frase, mas não somente uma definição, e sim uma concepção, enfim, minha vontade, “Hoje aprendo e ensino, amanhã ensino e aprendo”.

O primeiro semestre tornou-se prazeroso mediante a disciplina intitulada Investigação Filosófica na Educação, ministrada pelo afetuoso e talentoso professor Tadeu Queiroz, trouxe-me o esclarecimento do atual contexto, pude ter a concepção do ambiente acadêmico e seus vários aspectos, saber a real conduta de uma estudante do curso de Pedagogia, houve momentos de

oportunidades únicas, professores únicos, amigos únicos, disciplinas únicas, um horizonte vasto a ser desbravado por mim.

Com muito juízo, percorri as etapas, cronogramas, prazos, leituras, dinâmicas de grupos, trabalhos acadêmicos, etc, estava desabrochando o sentido da área educacional, a qual estudo incessantemente.

Na realidade, ao longo do tempo, logo veio uma visão mais precisa do profissional da educação, como postura, conduta, ética e demais características importantíssimas para seguir nessa jornada. Foi no segundo semestre que minha compreensão foi ampliada pela disciplina Processo de Alfabetização, ministrada pela querida e amável professora Norma Lucia. Tive mais responsabilidades, pois gradualmente iam crescendo as demandas, a credibilidade e, também, a vontade de investir e priorizar os meus estudos.

Notei que estava rumando e crescendo mais e mais por meio do terceiro semestre, uma vez que entendia concepções, realidades, essências e dinâmicas educativas, com frequência recorria aos teóricos e as “pedagogias” em si, em busca de aprimoramento constante instigada pela disciplina Organização da Educação Brasileira, ministrada pela versátil professora Catarina Almeida.

Já no quarto semestre tive um avanço considerável sobre minhas participações acadêmicas, trabalhos, diálogos, argumentos, aspectos úteis que prevaleciam continuamente em minha personalidade, um visionário olhar mediado pela disciplina Psicologia da Educação, ministrada pela atenta e carismática professora Sandra Ferraz. Nesse semestre marcou-me muito também o projeto de Economia Solidária, ministrado pela atuante professora Sonia Marise, cuja proposta foi preponderante para escolha de meu tema, as representações/relações sociais realmente fascinam-me. Pude vivenciar situações em um asilo, estar próxima daqueles idosos me fez perceber a importância do afeto, da disposição, da cordialidade, da atenção e do cuidado em si com o próximo.

Então, viria o quinto semestre cheio de vontade, propósitos, projetos, qualificações necessárias a qualquer graduando em educação, por meio da disciplina Oficina de Formação do Professor-Leitor, ministrada pela flexível professora Norma Lucia, a qual tenho imenso apreço, pois instigou minha

busca extracurricular, e proporcionou-me experiências frutíferas e válidas ao meu autoconhecimento. Nessa etapa já tinha em mente que pesquisaria sobre a afetividade e sua relação com a educação.

Eis o sexto semestre, o tão sonhado e apreciado mundo das mais diversas ideias e contradições, nesse contexto florescem o ímpeto e também as aflições que guiarão minha decisão quanto à linha de meu pensamento, um momento de muita reflexão, a fim de que haja coerência com o caminho até então traçado, foi oportuno participar da disciplina Literatura e Educação, ministrada pela sensível professora Ana Dilma, que, com seu vigor, provocou inúmeros e acolhedores diálogos.

Ressalvo que traçamos nossas vidas pelo poder de nossas escolhas, e quando essas escolhas são feitas passivamente, quando não somos nós mesmos que as traçamos, sentimos-nos frustrados, ou seja, meros espectadores. A pequena mudança hoje pode acarretar-nos um amanhã profundamente diferente. Trazendo grandes recompensas para aqueles que têm a coragem de mudar, mas as tais recompensas acham-se ocultas pelo tempo. Assim, pelos nossos próprios meios, obtemos exatamente aquilo pelo que lutamos, tornando-nos o “grande” protagonista da mais bela dádiva a nós ofertada, que é a vida, enfim, nossas vivências.

Portanto, durante o percurso descrito acima, tive as mais belas demonstrações de afeto e acolhimento, por parte de grandes educadores. Sem dúvida, foi marcante e essencial para incentivar-me a buscar e priorizar o comprometimento com o outro, aliás, não somente o cognitivo, o psicológico, o social, acima de tudo, o comprometimento afetivo, que nos faz mais humanos, e no qual investirei com muito empenho naqueles que um dia serão atuantes em nossa sociedade.

**PARTE II**

**MONOGRAFIA**

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca investigar a contribuição da afetividade na prática docente, apresenta as análises feitas por meio da aplicação de treze questionários, dentro de ambiente escolar, a fim de que se possa identificar a percepção do professor quanto à aplicação da educação afetiva, bem como os aspectos de suas atitudes docentes, estabelecidas no convívio educacional.

A afetividade é a chave mestra deste estudo, uma vez que, acredita-se que essa temática é a ponte que impulsiona a prática docente, ainda, identificam-se aspectos relevantes no ambiente escolar afetivo, que interferem no processo educativo do aluno.

Como vemos nos princípios contidos no artigo 214 da Constituição Federal, que são prova de que formar o cidadão é o mais importante, é o essencial:

Art.214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à:  
I – erradicação do analfabetismo;  
II – universalização do atendimento escolar;  
III – melhoria da qualidade do ensino;  
IV – formação para o trabalho;  
V – promoção humanística, científica e tecnológica do País  
(grifo nosso).

Por isto, em um momento em que a educação é tão transformadora e emancipadora, é importante conhecer como as treze professoras participantes entendem por afetividade.

Desta forma, pretendeu-se verificar a contribuição da afetividade na prática docente e analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores que pautam suas atividades na perspectiva de uma educação afetiva.

Para alcançar os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa em escola particular e pública de uma cidade do Distrito

Federal. A pesquisa qualitativa fornece-nos informações mais subjetivas e latentes dos participantes. Foram participantes treze professoras da educação básica.

Esta pesquisa resultou-nos em esclarecimentos fundamentais do quão a afetividade aliada a prática docente subsidia a qualificação educacional, e também a personalidade em formação.

## **CAPÍTULO I – REFERENTES TEÓRICOS – AFETIVIDADE**

Pretende-se neste capítulo abordar alguns aspectos importantes do conceito de afetividade. E nesse intuito, verifica-se que a afetividade pode variar de acordo com os aspectos filosóficos, psicológicos e pedagógicos. No entanto, focaremos este trabalho em um estudo mais pedagógico, pois a intenção aqui é estabelecer essa relação entre o professor e o aluno, em um contexto escolar.

Percebe-se que há uma pluralidade de ideias a respeito do conceito da afetividade. No entanto, a maioria da literatura consultada por mim nesse viés, Wallon (2007), Almeida (1999), enfatiza que a afetividade é caracterizada pelas vivências dos indivíduos e pelas formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas, uma vez que é no convívio harmônico com o outro que se fortalecem os laços humanos.

Nessa perspectiva, é grande a capacidade de se exprimir em uma linguagem emocional, voltada ao despertar do outro, na disposição em dialogar, na escuta atenta, no olhar vibrante, então, é a compreensão de que cada um de nós avançará e evoluirá como pessoa, como ser pensante e, essencialmente, ser emotivo, pela troca, ao compartilharmos emoções, sentimentos e paixões.

### **1.1 Conceitos de afetividade**

Inicialmente, entende-se que a afetividade se reflete por meio do fator orgânico/biológico (necessidades básicas/internas) e, posteriormente, será influenciada pela ação do contexto/meio social (necessidades complementares/externas).

No Dicionário Aurélio (1994, p.80), o verbete afetividade está definido da seguinte forma: “Psicol: Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.



Há sempre uma sensação instigada pelo nosso biológico que varia conforme a situação. O ser humano corresponde, possivelmente, às inclinações e as marcas que o constituem ao longo do tempo, aquilo que o afeta/instiga, e dá sentido ao que lhe foi apresentado em uma determinada circunstância.

Na proposição teórica piagetiana: em primeiro lugar, todo organismo possui uma estrutura permanente que, por sua vez, é modificada quando posta sob a influência do meio, mas jamais destruída; nesse sentido, todo conhecimento diz respeito à assimilação de um dado exterior às estruturas do indivíduo. Em segundo lugar, os fatores normativos do pensamento correspondem biologicamente a uma necessidade de equilíbrio por autorregulação:

[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja, que não comporte, na qualidade de móveis, fatores afetivos; mas, reciprocamente, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a estrutura cognitiva. A conduta é, portanto, uma, mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquelas em consideração: os dois aspectos afetivo e cognitivo são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irredutíveis. (PIAGET, 1980, p. 135).

Outra contribuição importante da psicologia acerca dessa discussão é percebida na indicação freudiana, o conceito de afeto (*affekt*) está ligado ao de pulsão (*trieb*). A pulsão é uma produção teórica de Freud:

[...] conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1974, p. 142).

Nesse sentido, aquilo que emerge de nosso inconsciente alcançará as potencialidades de nosso corpo, é clara a correspondência entre o orgânico e o psíquico desde o nosso nascimento. O entrelaçamento do pulsar, e do agir,

correspondem à nossa natureza humana, e o que irá diferenciarmos é o nosso consciente, ou seja, tudo aquilo que foi atribuído à nossa personalidade.

Na visão de Freire (1996):

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital (p. 32).

Em geral, a vida elenca hábitos que mudam dependendo do contexto de cada indivíduo, os quais se transformam de épocas em épocas, como o falar, o andar, o vestir, o pensar etc. Nesse trajeto, a tendência é acarretarmos características a nossa personalidade conforme as mais diversas condutas, que sinaliza comportamentos nos quais muitos destes são estereotipados; é como submetermos à coletividade aos nossos alunos, não conhecendo assim as suas singularidades.

É justamente esta a preocupação que se tem de ter, ou seja, abranger uma visão afetiva da educação, sendo integral, na qual necessita-se de um olhar mais apurado, atento àquele ser que busca compreensão de seu papel em uma sociedade, assim, cabendo uma mediação comprometida por parte do professor e desse aluno.

Segundo La Taille (1992, p. 47) “entende-se que, a moralidade humana é o palco por excelência onde afetividade e razão se encontram, via de regra, sob a forma do confronto”.

Ocorre que, por serem distintas não deveríamos, necessariamente, separá-las em um cotidiano escolar, uma vez que a pretensão é de se focar na formação integral, considerar que o aluno é composto da capacidade cognitiva, da social e da afetiva em si.

Cabe frisar que os significados constituídos ao longo de nossas vivências refletem em um comportamento, seja ele sadio ou não, pois quem irá determinar a qualidade dessas relações são as circunstâncias que se apresentaram durante toda essa formação, a configuração comportamental de um indivíduo, dependerá também do que esteve ao seu redor, das características ali pertencentes, sejam elas agregadas ao respeito, à atitude, ao

senso crítico, à afetividade etc., são os fatos vivenciados que constituirão aquela personalidade.

Vygostky também associa o desenvolvimento humano à sua dimensão social. Para ele, como afirma Oliveira (1996, p. 24), “a cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem”.

Assim, a cultura é aprendida e o guiará em suas escolhas. Existe aí o diferencial em relação aos animais, os quais prevalecem o caráter instintivo do comportamento, e no ser humano há predominância da historicidade construída culturalmente por uma época, e ainda o uso da razão, da conscientização.

O *conhece-te a ti mesmo*, conforme nos ensinou um sábio da antiguidade (Sócrates), será o meio mais prático de transformação interior, o autoconhecimento é imprescindível a uma vida saudável e transformadora, saber de onde partir e para onde ir resultará na qualidade de nossas escolhas. Sendo de acordo com nossa conduta moral, que despontará o pensar, o agir, o sentir, enraizados nas crenças e valores aprendidos no seio familiar, e também, no bojo escolar.

Conforme a teoria Walloniana, há certos meios, como a família: “São ao mesmo tempo grupos, porque sua existência baseia-se na reunião de indivíduos que mantêm entre si relações que determinam o papel ou lugar de cada um no conjunto”. (WALLON, 1975, p. 167).

Essas condições podem prejudicar, limitar ou diferenciar, de forma isolada ou múltipla, o desenvolvimento nos campos cognitivo, sensorial, motor e afetivo. É preciso considerar o contexto cultural em que o indivíduo está inserido e os aspectos educativos que podem contribuir para o desenvolvimento de diferentes habilidades dele.

Portanto, é por meio do ato educativo que se torna possível a articulação de um projeto de sociedade, na transmissão de valores e conhecimentos historicamente produzidos às futuras gerações.

Os meios onde à criança vive e os que ambiciona são o molde que dá cunho à sua pessoa. Não se trata de um cunho passivamente suportado. O meio de que depende começa certamente por dirigir suas condutas, e o hábito precede a escolha, mas a escolha pode impor-se, quer para resolver discordâncias, quer por comparação de seus próprios meios com outros (WALLON, 1975, p. 167).

Assim, recomenda-se manter o equilíbrio entre a conjuntura educativa e a formação da cidadania, de modo que tenhamos sempre uma postura indagadora de nossa própria ação docente.

É na complexidade dessa conduta que refletirá as tendências praticadas no ambiente escolar, para tanto deve ser elaborada uma aprendizagem significativa para o aluno, que esteja acordado e dinamizado com papel afetivo e cultural dos envolvidos, dos pares etc..

Para Wallon (1975):

[...] O meio não é outra coisa senão o conjunto mais ou menos duradouro de circunstâncias em que se desenrolam existências individuais. Ele comporta evidentemente condições físicas e naturais que, porém, são transformadas pela técnica e pelos costumes do grupo correspondente (p.165-166).

Acima de tudo, o professor é um pesquisador e deve procurar repensar o seu “fazer”, sempre que, amplia sua alternativa frente à realidade com que se depara na sala de aula, de acordo com os próprios relatos de fatos, os estudos de casos, entre outros, deverá ter uma postura que busca a execução das várias abordagens pedagógicas, e que sejam voltadas para a concretização de um ensino capaz de atender a diversidade de características individuais e as suas diversas necessidades.

É preciso um apurado estudo a fim de que compreendamos a dialética entre a disciplina e o aporte que esta fornece aqueles que estarão em uma conjuntura de prática social/afetiva/educacional, que traz reflexões e subsídios acerca da total interação humanística que deverá ser o alicerce da nossa prática pedagógica.

Diante disso, a pesquisa do profissional da educação deverá ser notória, além de se ter bastante comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, um socializador da práxis, um ser criativo, investigador e curioso.

As relações entre o sujeito e o meio consistem em uma interação radical, de tal modo que a consciência não começa pelo conhecimento dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado indiferenciado; e é desse estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito, o outro de acomodação das próprias coisas. (PIAGET, 1971, p. 384).

Deve-se atender aos anseios de uma educação transformadora e inovadora, visando à inserção da progressão pedagógica. Caracterizada em uma educação de qualidade, em especial em educadores comprometidos, “pois não existe na estagnação, mas no alvoreço dos inquietos, na dúvida que os instiga e na esperança que os desperta, o conhecimento construído” (FREIRE, 1996, p. 36), onde favoreça o crescimento transformador desse processo educacional.

## **1.2 Emoções, Sentimentos e Paixões**

Devemos dar a mesma importância às emoções, aos sentimentos e as paixões, assim como damos à inteligência, uma vez que a afetividade é o princípio norteador da formação do indivíduo. É necessária a compreensão que existimos por meio de uma simbiose orgânica, psíquica e afetiva.

As emoções, sem dúvida, coexistem no nosso inconsciente, e integram os nossos mais naturais instintos, é preponderante que tenhamos consciência delas para melhor filtrá-las e saber dosá-las, pois, estas repercutirão em uma vida mais prioritária em ações pensadas, pautadas no uso racional, e não somente no emocional, equilibrando-as.

Segundo Dantas (1993, p.74) “a emoção estabelece, pois, as bases da inteligência; se identifica com o seu desenvolvimento próximo, a afetividade, surge como condição para toda e qualquer intervenção sobre aquela”.

As características mais evidentes no que tange às emoções correspondem à cólera, ao medo, à tristeza, à alegria, à timidez, e despontam ocasionalmente, ao mesmo tempo envolve o aspecto fisiológico e o social.

Os sentimentos são estados afetivos que podem durar de acordo com a intensidade vivencial, são condições conscientes e variam conforme nossa representação diante de determinada situação. Assim, temos a capacidade, quase vital, de nos emocionar, nos envolver, nos afetar e, acima de tudo, nos sentirmos responsáveis pelo que nos afetou.

Reflitamos sobre a frase do Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint Exupéry, que repercutiu na consciência coletiva dos milhões de leitores: “É com o coração (sentimento) que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos”. Quando damos importância a certas pessoas, coisas, lugares e situações que tem significância em nossa vida, é visível o cuidado especial que desponta naturalmente por meio de algumas de nossas ações.

É certo que somente aquilo que tem um fundo emotivo, ou seja, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós e/ou para nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente.

A maturidade fortalece essa racionalidade, e com ela vem à tona a solidez de nossos sentimentos, a compreensão daquilo que temos em mente, e principalmente, em nosso coração.

António Damásio (1996) é um estudioso sobre as emoções e os sentimentos, considera que os sentimentos irão além do esperado/imaginado, pois existe uma interação entre razão e a emoção. Para o autor:

Os sentimentos, no sentido em que a palavra é usada aqui, emergem das mais variadas reações homeostáticas, não somente das reações que chamamos emoções no sentido restrito do termo. De um modo geral os sentimentos traduzem o estado da vida na linguagem do espírito (p. 91).

Será que existe uma lógica para certos sentimentos? Ora, somos seres compostos de corpo, mente e espírito, é grande a complexidade quando procuramos compreender a nossa existência, por isso tem sentido a busca desenfreada pela compreensão da razão e da emoção, dos aspectos que uma

agrega a outra, do auxílio inerente desses dois pólos a fim de que tenhamos uma vida melhor.

Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão (pathos) relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça. (LEBRUN, 1987, p.17).

Pensar a paixão é, pois, pensar sobre o modo de encarar com disposição os fatos de nossa vida, de sermos atuantes naquilo que nos propomos a exercer.

É na tendência que consiste a grande parte de nossas paixões, sem dúvida, elas são desencadeadas pelas circunstâncias e fortalecidas pelas idealizações.

Para Aristóteles, por não escolher suas paixões, o homem não é responsável por elas, mas sim pela influência delas nas suas ações. No entanto, a paixão é também raciocinada, embora tenha seus ímpetos os quais buscarão transformar em realidade seus desejos, tendo a representatividade como noção de realidade externa e de seu efeito ao realizar-se.

Face ao exposto, é de grande valia o processo de maturidade no qual se desenvolve gradualmente critérios que permitirão dosar essa conduta a fim de podermos racionalizar as nossas escolhas e optar por melhores ações.

### **1.3 Afetividade aplicada à prática docente à luz de Henri Wallon**

O pesquisador Henri Wallon (1975, 1989, 2007) debruçou-se sobre essa temática da afetividade, envolveu-se profundamente na relação desta com a educação, indicou-nos a importância de uma formação integral, tendo como base o indivíduo por completo; intelectual, motor e afetivo. Aprimorou os nossos conhecimentos sobre o homem e a sua capacidade. O homem é um ser “geneticamente social”. É a psicogênese da pessoa completa.

Percebem-se nos escritos do referido pesquisador que o processo de desenvolvimento é flexível, e assim os recursos de aprendizagem também

serão, uma vez que se podem diferenciá-los dependendo do tempo de cada aluno, de cada singularidade em meio à diversidade da sala de aula. A saber;

- *Do sincretismo para a diferenciação*

- O início de qualquer aprendizagem nova caracteriza-se pelo sincretismo, passando gradativamente para a diferenciação;

- O período do sincretismo caracteriza-se pela inabilidade em diferenciar o real da fantasia, que será substituída gradativamente pela competência ao acompanhar o processo de diferenciação.

- *Imitação*

A imitação é um meio de aprendizagem para a criança, pois os adultos, colegas, amigos, professores são referências. O processo de imitação mantém uma relação dialética com o processo de oposição, iniciando-se com os jogos de alternância, avançando na fase do personalismo e continuando pela vida inteira, a base das experimentações e constituição de seu Eu.

- *Acolhimento*

O acolhimento é de suma importância em todas as faixas etárias e deveria ser advindo dos mais variados grupos: o grupo familiar, o grupo de amigos, os professores; acolhimento do professor pelos seus pares, pelos seus alunos, pelo contexto escolar. A sala de aula é uma oficina de relações, portanto, um espaço de acolhimento.

- *Desenvolvimento dos conjuntos funcionais*

O desenvolvimento afetivo — cognitivo — motor tem ritmos diferentes conforme a relação orgânico-social se expressa em cada indivíduo, e as atividades precisam corresponder a esses ritmos. O ritmo deve ser respeitado



e não avaliado. Em cada estágio de desenvolvimento temos uma pessoa completa, com possibilidades e limitações próprias.

- *Situações conflitivas*

Como a emoção é contagiosa, o comportamento do aluno interfere na dinâmica da classe e no professor. O professor, como adulto mais experiente, centrado em si e no outro, de forma equilibrada, com maiores recursos para controle das emoções e sentimentos, pode colaborar para a resolução dos conflitos, não esquecendo que o conflito faz parte do processo educativo, pois é constitutivo das relações. A qualidade da relação é revelada pela forma como os conflitos são resolvidos.

- *Ensinar-aprender, faces de uma mesma moeda*

Uma dificuldade de aprendizagem é, igualmente, um problema de ensino, e sua análise deve focalizar a relação ensinar-aprender como uma unidade, sem culpabilização de um ou de outro. Quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo educativo e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor.

- *Processo educativo*

- Comporta fluxos e refluxos, certezas e dúvidas; tal como o desenvolvimento, é um processo em aberto, portanto sujeito a reformulações constantes.

- Na relação professor-aluno, o papel do professor é de mediador do conhecimento. A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno-aluno.

- Queira ou não, o professor é um dos referenciais do aluno, seja na sua forma de se relacionar, seja de expressar seus valores, seja na forma de resolver os conflitos, seja na forma de falar e ouvir.

- *Uma teoria é um recurso para o professor*

— Uma teoria auxilia no planejamento do ensino levando em conta as características individuais (referentes ao aluno e ao professor), o contexto e as atividades propostas.

— Além da teoria, o planejamento deve incluir os dados da experiência que o professor traz, decorrente de uma observação sensível no seu contato com o aluno.

— A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon propõe estágios, com características a serem observadas. Cabe registrar que:

- a idade não é o indicador principal do estágio;
- cada estágio é um sistema completo em si;
- as características propostas para cada estágio se expressam através de conteúdos determinados culturalmente;
- o desenvolvimento pressupõe um processo constante de transformações, durante toda a vida.

Nesse sentido, busca-se compreender o elo humano ao analisarmos a prática docente e o seu comportamento, de se ter a consciência da importância da relação interpessoal professor-aluno para um desenvolvimento sadio e harmônico, capaz de atingir as potencialidades pertencentes em cada indivíduo que ali se encontra.

Wallon (1975, p. 366) sinaliza que “a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma referência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar”.

Assim, a maior necessidade do aprendizado nasce, via de regra, na atuação em campo, nas grandes descobertas dentro de sala de aula, a cada novidade de um aluno, no interesse de aprimorar ou até mesmo mudar de método.

Portanto, deve-se aprimorar continuamente a prática docente, cuja aplicação deverá ser repensada sempre que houver um conflito de interesse, uma circunstância inusitada, uma difícil dinâmica familiar, dentre outros percalços que aparecerão diante de nossos olhos.

A prática docente comprometida levará alunos e professores a patamares indiscutíveis, pois, se aprimora o senso crítico da conjuntura em si.

## CAPÍTULO II – CARACTERÍSTICAS DA PRÁTICA DOCENTE

É evidente a necessidade de se afirmar práticas docentes mais atuantes capazes de despertar o comprometimento, a ética, a curiosidade, a vontade, o respeito, e a credibilidade nas relações humanas, questões pertinentes em nossa formação.

A ideia aqui é contextualizar a ação pedagógica e o contexto escolar, bem como as relações interpessoais entre os envolvidos, pois a educação permeia os vários aspectos de um indivíduo, seja o adulto ou a criança, todos deverão ser instigados a refletir sobre uma educação emancipadora.

Freire (1996, p. 24), afirma que “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”.

Pode-se definir, então, que se queremos construir pessoas capazes de, segundo Delors (1999), “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser, precisamos ensiná-los a ser afetuosos, a dar e receber afeto” (s/p).

Assim, a ação pedagógica deverá ser pautada por bons princípios e saudáveis valores a fim de que se possa compreender a real dinâmica educacional, pois o mais belo referencial dentro da instituição escolar é o professor, aquele de quem lembraremos pela vida toda.

Contudo, é relevante alertar que, a conjuntura de uma sociedade considera os aspectos da formação sócioeconômica brasileira, as relações de produção, classes sociais, cultura como prática social e a ideologia é fundamental para analisar os múltiplos determinantes da nossa prática pedagógica.

O belo filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin, traz essa discussão. A atividade continuada, o reducionismo, a transformação do homem em máquina, nisso tudo, exige-se apenas a disciplina desumana e a precisão do movimento, não a criatividade, e as pessoas submetidas a esse tipo de rotina perdem com o tempo a capacidade de reflexão. (CHALITA, 2004, p. 53).

Vive-se a era do consumismo devido ao capitalismo, e isso acaba trazendo “errôneos status” para dentro da sala de aula, ali diversos indivíduos formam seus grupos identitários, em forma de irmandade e enraízam-se costumes e tendências uns aos outros. É preciso o olhar atento do professor para a questão do ter e a anulação do ser.

A mediação sempre fará parte da jornada profissional do professor, aliás, é sem dúvida, a chave mestra para aprendizagem tanto do aluno quanto desse professor.

Tem-se também a inserção e a evolução da tecnologia o que nos trouxe avanço em muitos domínios sociais, em casa, no trabalho, na escola, hoje, o computador é mais acessível às classes baixas, os múltiplos serviços na era digital contemplam a minoria da população também, o tecnológico invadiu a sociedade como um todo, inclusive, a sala de aula.

Na perspectiva de Freire (1996, p. 32):

[...] Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes do ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. E não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa.

Nesse sentido, é primordial a capacitação do docente, visando ao melhor aproveitamento dessas novas ferramentas, pois a tecnologia abrange facetas que tornarão as aulas mais prazerosas e motivadoras, respeitando o contexto do grupo envolvido. Como bem afirma Freire (1996, p. 85), “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*”.

Depreende-se que, toda prática pedagógica está embasada nas situações políticas e sociais, uma vez que a instituição escolar é a célula- mãe de nossa sociedade. Ali se concentra ações organizacionais influenciadas pelo Estado; o governo é o grande maestro do nosso ensino.

Torna-se preponderante que os profissionais saibam lidar com a dicotomia imposição *versus* ensino, a fim de que se possa colher uma aprendizagem significativa, e não se recaia a uma prática pautada em uma ideologia dominante. De certo, faz-se necessário atribuímos meios que fortaleçam a democracia, o respeito ao outro e a sua singularidade.

Como diz Giroux (1997, p. 163):

Essencial para a categoria de intelectual transformador é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico. Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera da política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder [...] Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora. [...]

É com esse olhar que devemos nos capacitar a cada dia, diante de uma nova problemática, a flexibilidade é uma característica fortemente atribuída à carreira docente e, sem dúvida, não há espaço para a mesmice, ou seja, o professor comprometido busca meios para melhorar sua prática pedagógica, sua conduta, sua escuta, cuja pretensão é atender aos anseios de seus alunos e da sociedade como um todo.

## **2.1 A escuta: uma demonstração de afetividade**

O ato de escutar vai muito além, pois perpassa aquilo que lhe é falado/dito, há uma intensa troca entre os interlocutores, requer atenção e uma parcial neutralidade da parte de quem escuta, já que não priorizamos aqui a anulação de um ponto de vista, mas uma atenção imparcial para as várias diferenças, nos quais o diálogo deve ser priorizado, a fim de que o aprendizado humanístico ocorra.

Segundo Barbier (1994, p. 94), “a escuta sensível apóia-se na empatia, o pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mito”.

Assim, a escuta estimula a refletir sobre o assunto discutido, instiga-nos a adentrar ao íntimo do outro, uma viagem diversificada mediante as esferas e raízes constituídas por aquele ser. Somos seres instintivos por natureza, os sentidos são aprimorados constantemente devido a fatores externos que aguçam/afetam a percepção, a intuição, a perspectiva, a lógica etc.

Entende-se, então, que o ser humano é movido à afetividade o tempo todo, é afetado pelas facetas da sobrevivência e da convivência humana.

Nesse sentido, escutar com afetividade é priorizar uma qualificada comunicação, bem como captar a essência do que é dito, tendo a abrangência necessária no entendimento com o outro, respeitando o pensar e o falar do interlocutor, é o compartilhar das emoções e das ideias alheias, nas quais predominam diferenças, valores, enfim, compreender e respeitar aquele quem fala é, sem dúvida, valorizar a convivência humana.

Para Cerqueira e Sousa (2011, p. 38), “a escuta sensível busca compreender o outro nas suas singularidades, totalidade e valores, ou seja, no seu processo histórico-social-cultural”.

Percebe-se então que o escutar caracteriza a ampliação da comunicação, uma vez que a percepção vai muito além da fala, é norteado pelo respeito às diferenças e polêmicas atribuídas ao comportamento de cada indivíduo, bem como o cuidado na colocação de ideias frente às divergências.

As autoras (*idem*, p. 17) nos dizem que “o escutar pode ser definido como a sensibilidade de estar atento ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções”.

Acredita-se que a demonstração de afetividade, ao escutar alguém, estimula o outro a compartilhar de questões mais íntimas e predispostas a trocas de experiências e vivências de situações que beneficiam a inteligência emocional, uma vez que se argumenta sobre vários assuntos, até aqueles que estão angustiando os pares.

Assim, Cerqueira e Sousa (*ibidem*, p. 20) admitem que “a escuta proporciona o reconhecimento do outro, a aceitação, a confiança mútua entre quem fala e quem escuta”.

Nessa perspectiva, o professor comprometido com a formação intelectual, cidadã e afetiva de seu aluno requer uma aguçada escuta, assim

não subestimar a criança, bem como provocar a sua argumentação, a sua ânsia em expor ideias e emoções, visando seu senso crítico e estimulando sua percepção da realidade, que será de grande valia ao seu processo de aprendizagem.

## **2.2 Conceito do processo de aprendizagem**

Entende-se que a aprendizagem é um processo neural complexo, que leva à construção de lembranças, de tudo aquilo que experimentamos no decorrer de nossa vida. Aquilo que se aprende e depois se esquece é como se nunca tivesse acontecido; o conjunto de coisas de que nos lembramos constitui a nossa identidade.

[...] o indivíduo é exatamente só aquilo de que se lembra; eu sou quem sou porque me lembro de quem sou, porque sei quem sou. Se não nos lembrássemos de nada, não seríamos alguém; por isso é tão trágica a fase final da doença de Alzheimer, ou a ignorância do próprio eu. (IZAQUIERDO, 1997, s/p).

A aprendizagem é contínua e crescente à medida que vivenciamos situações e estímulos que estão a todo o momento ao nosso redor. Aprende-se lendo, ouvindo, errando, na prática, vivenciando uma fantasia, observando os outros. Existem vários caminhos e meios de aprendermos e cada um de nós tem uma forma de captá-los, de obtê-los, pertencentes a cada indivíduo.

Depreende-se então que

[...] as várias espécies utilizam o modo mais adequado e instintivo para captar e desenvolver o aprendizado; o ser humano é predominantemente visual e verbal, utilizando aquilo que Pavlov (apud Izaquierdo, 1997) denominou o verbal ou simbólico, de preferência aos demais. A memória visual humana é maior que a auditiva, e a memória verbal-visual é maior que a oral. A quantidade de informações que pode ser adquirida na aprendizagem verbal-visual é maior do que a que pode ser retida pela comunicação oral. Um exemplo são as línguas transmitidas oralmente e que desaparecem, enquanto as línguas transmitidas pela escrita e leitura sobrevivem. (FLEURY & FLEURY, 2001, s/p)



A afetividade é reguladora da aprendizagem também, uma vez que o ser humano lembra-se melhor daquilo que despertou sentimentos positivos e/ou negativos, e mal daquilo que lhe foi indiferente. É como um gatilho que engata a partir daquilo que nos sensibilizou de alguma forma, ou seja, algo capaz de nos aguçar e nos instigar a procura.

Percebe-se, pois, que as emoções contribuem fortemente na motivação para a pessoa aprender; parecem dar cor e sabor ao que aprende. É um processo de mudança, provocado por estímulos diversos, mediado por emoções, que pode vir ou não a manifestar-se em mudança no comportamento da pessoa.

Estudiosos apontam que o processo de aprendizagem ocorre dentro do organismo da pessoa que aprende, percebe-se isso nas respostas emitidas por esta pessoa, as quais, na maioria das vezes, podem ser observáveis e mensuráveis, ou seja, já foram receptadas e internalizadas de alguma forma.

### **2.3 Conceito de processo educativo**

Refere-se a um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos. A maior preocupação é nessa interação dos envolvidos, que engloba a ação humana do ensinar e aprender, ambos os comportamentos são difíceis, pois há múltiplos componentes de interrelações.

Como enfatizado por Wallon, o conhecimento sobre o desenvolvimento da pessoa envolve não apenas os aspectos físicos, psicológicos, sociais, mas os contextuais para compreender a pessoa concreta, completa e contextualizada, ficando explícito que é por meio das relações que ocorrem entre a pessoa e o seu ambiente, nas suas condições idiossincráticas, é que se pode investigar o indivíduo em sua totalidade. (*apud* NASCIMENTO, 2004, s/p)

A interdependência dos dois conceitos, o ensinar e o aprender são quesitos importantíssimos a serem percebidos, pois, é fundamental para entender o que acontece na atual prática educacional.

Nesse sentido, a base do ensinar deveria estar centrada nas características do aluno e em seu contexto, uma vez que assim a prática docente se apresentaria mais eficaz, pois atenderia a demanda daquele indivíduo, bem como contribuiria para um espaço mais realista e ideal aos envolvidos.

E, conseqüentemente, a máxima do aprender aconteceria naturalmente, sendo mais perceptiva ao aluno, de acordo com sua disposição e seu interesse o processo se desenrolaria com naturalidade e a tranquilidade que todo docente espera.

Segundo Bushell (1973, s/p), “a mudança de comportamento do aluno (alteração de suas relações com o meio) é o que, fundamentalmente, evidencia aprendizagem”.

Assim, o ensinar ocorre sob a mediação do professor com a aprendizagem do aluno e vice-versa, visando o aproveitamento e a percepção dos envolvidos.

É de acordo com os estímulos existentes no ambiente que o aluno experimentará ações válidas e capazes de auxiliá-lo em sua aprendizagem, bem como os resultados obtidos serão o aporte do professor para utilização de novas metodologias caso seja necessário refletir sobre a sua prática docente.

#### **2.4 Diferença entre processo de aprendizagem e conceito de processo educativo**

Visa-se neste estudo apontar que existe uma diferença no que tange ao processo de aprendizagem e ao de ensinar/aprender. Como visto, o processo de aprendizagem é caracterizado pela percepção e disposição do aluno diante dos conteúdos e do seu emocional, este aluno se permite muito mais, é atencioso e acolhedor com aquilo que lhe é apresentado, vê-se como protagonista em sala de aula, vê significado naquilo que lhe advindo pelo professor e pela situação/circunstância.

Segundo Bordenave & Pereira (1998, s/p), “a aprendizagem gera mudanças cognitivas, mediatizadas por processos emocionais”. O processo de

aprendizagem é o grande acontecimento tanto para o aluno quanto para o professor, é desafiante.

Quando o professor respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, desenvolve a capacidade do aluno procurar em si mesmo as respostas para seus problemas, tornando-o responsável e, conseqüentemente, agente de seu próprio processo de aprendizagem. (NORO & NORO, 2002, s/p).

Percebe-se que, já o processo de educativo é mais amplo, ou seja, o propósito do ensinar não é somente transmitir o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, favorecendo um modo de pensar aberto e livre.

O ensinar e o aprender se entrelaçam e devem estar amparados pela vontade do professor em mediar o currículo com uma metodologia flexível e o seu aluno ser afetado pelo significado desse conteúdo. O professor deverá conhecer o seu aluno, o seu contexto, pois isso facilitará a aplicação da atividade, pois haverá coerência entre o indivíduo e suas circunstâncias.

## CAPÍTULO III – METODOLOGIA

### 3.1 Método

Procurou-se estabelecer contato com docentes de escolas privadas/públicas, a fim de identificar o compromisso profissional que visasse à afetividade como meio de subsidiar o processo de aprendizagem.

Considerou-se a proposta de um questionário, com perguntas de dados pessoais gerais e perguntas relativas à temática deste trabalho, contemplando treze participantes que contribuiriam com esta pesquisa. Segundo Trivinos (1987):

[...] a entrevista semiestruturada parte de pressupostos básicos, apoiados por teorias e hipóteses que sustentam a pesquisa, permitindo novos questionamentos à medida que o informante responde ao questionário (*apud* PEREIRA, 1991, p. 180)

Utiliza-se aqui de uma pesquisa qualitativa, uma vez que se pretende analisar a postura desses profissionais quanto ao aspecto afetivo-cognitivo.

Esse tipo de método, conforme Gonçalves & Meirelles (2004) “oferece maior condição de entender o objeto de pesquisa com maior profundidade, propiciando informações mais subjetivas e latentes” (*apud* PEREIRA, 1991, p. 180)

### 3.2 Participantes

Participaram desta pesquisa os docentes de instituição educacional particular e pública, ao todo treze participantes, no entanto, somente três responderam a primeira informação do questionário que era relativa à idade, que corresponde a 33, 40 e 49 anos. Sendo todas do sexo feminino.

Dessas participantes, 3 (três) responderam ao quesito estado civil como solteiras para este item, 8 (oito) responderam casadas para este item, e duas responderam divorciadas para este item.

Dentre as treze participantes, nove delas têm filhos, e quatro não tem, entre as que responderam sim, quatro tem somente um filho, duas tem dois filhos, três tem três filhos.

Quanto à renda familiar das participantes, nenhuma ganha até um salário mínimo (R\$ 622,00), seis delas ganham até quatro salários mínimos (R\$ 623,00 a R\$ 2.488,00), e sete ganham acima de quatro salários mínimos (acima de R\$ 2.489,00).

Havia uma linha para que a participante respondesse de maneira discursiva qual a sua religião. Uma respondeu ser evangélica, quatro responderam ser católica, cinco responderam ser espírita, e três não responderam este item.

As treze participantes responderam que possuem nível superior completo, e havia uma linha para que a pessoa respondesse de maneira discursiva qual a área de formação: oito responderam Pedagogia, duas responderam Serviço Social, três responderam Letras, uma respondeu Educação Física, uma respondeu terminando mestrado em Psicologia.

Quanto ao fato de possuírem especialização, e/ou outros cursos: seis responderam não para ambos os itens, uma respondeu Educação Infantil e nenhum curso, uma Psicopedagogia/Psicomotricidade/Gestão Escolar e curso de Educação Infantil e anos iniciais etc.”, uma respondeu nenhuma especialização e cursos fornecidos pela EAPE-SEE/DF, uma respondeu inglês e nenhum curso, uma respondeu Neuropedagogia e curso de libras, uma respondeu Administração Escolar e nenhum curso, uma respondeu Orientação Educacional/Ensino Especial e nenhum curso.

### **3.3 Instrumento**

O instrumento utilizado foi um questionário composto por nove questões de coleta de dados gerais, listadas no item Participantes (item 3.2 desta monografia). Além disso, foram feitas 4 (quatro) perguntas abertas, para respostas discursivas:

1. O que, em sua opinião, é uma educação afetiva?
2. A afetividade é importante na relação professor/aluno? Por quê?

3. Quais os maiores problemas em uma educação que deixa de lado o aspecto afetivo?

4. Quais os ganhos de uma prática docente afetiva?

A íntegra do instrumento indutor encontra-se no apêndice 2.

Elaborou-se um questionário semiestruturado (Babbie, 1986; Polit e Hungler, 1987). Por se tratar de estudo exploratório, conferiu-se especial ênfase à obtenção de dados qualitativos que permitissem aprofundar o conhecimento da realidade (Piovesan e Temporini, 1995, *apud* Germano e Temporini, 2001).

### **3.4 Procedimentos**

Foram feitas algumas visitas a escolas da rede pública e privada de ensino, para que o público-alvo do questionário pudesse colaborar com esta pesquisa.

Para que isso pudesse acontecer, visitei anteriormente a equipe diretiva de cada estabelecimento escolar para conseguir autorização verbal para entrar na escola e aplicar o questionário para os docentes que aceitassem respondê-lo. Observei os horários de intervalo de cada instituição para que a aplicação do questionário não atrapalhasse a atividade profissional dos colaboradores.

Entreguei pessoalmente os questionários, e apenas treze docentes foram receptivos, no entanto, tive que retornar àquele ambiente, exaustivamente, em outros dias/horários a fim de estar de posse desses questionários, pois os docentes alegavam não terem respondido ainda devido à sobrecarga de trabalho, esquecimento, dentre outros motivos.

As respostas dessas questões estão representadas nas análises dos resultados, que foram feitas por meio de categorias elaboradas de acordo com a técnica de análise do conteúdo proposto por Bardin (1977).

## **CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A pesquisa englobou treze participantes, que são atuantes/engajados em uma instituição de ensino privada e pública, os quais responderam ao questionário relativo à temática deste estudo.

### **4.1 Técnica de Análise de Conteúdo**

Procurou-se estabelecer conexão entre as respostas obtidas por meio dos questionários aplicados, as categorias e suas relações semânticas, a fim de termos parâmetros que subsidiassem e atendesse o propósito desta pesquisa.

Segundo Pereira (1991, p. 119),

A partir de um determinado momento, os autores observaram que cada nova história de vida confirmava a precedente, percebendo, então, que havia um novo processo em curso. Este processo foi por eles denominado de processo de saturação.

Para tanto, esta análise teve como base a técnica de análise de conteúdo. Esta análise consistiu no aproveitamento dos dados que eram compatíveis e preponderantes a nossa temática.

Nesse sentido, Bardin (1977, p. 38) aponta que:

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não).

De acordo com os procedimentos desta análise, os resultados apontados pelos questionários foram dispostos em quatro categorias, dispostos a seguir na análise dos dados obtidos.

## 4.2 Análise dos dados obtidos

**Quadro 1: Categoria 1 – Compreensão da Educação Afetiva**

CLASSES	Respostas	Nº de Ocorrências
<p><b>COMPORTAMENTO AFETIVO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Educação com amor, carinho, conversa e respeito.</li> <li>➤ Relacionamento de cumplicidade entre professor e aluno.</li> <li>➤ Aproximação da realidade do aluno, de seu contexto em si.</li> <li>➤ Prioriza os sentimentos/valores do aluno.</li> <li>➤ Relações interpessoais afetivas, respeitando as regras de convívio social.</li> <li>➤ Relação de segurança e proteção ao aluno.</li> </ul>		7
<p><b>PROCESSO DE APRENDIZAGEM</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Facilitador do processo de educativo.</li> <li>➤ Reconhecimento do sujeito na sua complexidade.</li> <li>➤ Desenvolvimento global do aluno.</li> </ul>		3
<p><b>ASPECTOS COGNITIVOS/EMOCIONAIS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Acolhimento do indivíduo, em seu aspecto cognitivo/emocional.</li> <li>➤ Relação que fornece conhecimento e vínculo.</li> </ul>		3

No Quadro 1 apresentam-se os termos, de forma detalhada, utilizados pelos professores que responderam a 1ª pergunta da parte II do questionário, na qual se questiona o que é uma educação afetiva. Mediante o quadro 1 pode ser observado que os professores tendem a relacionar, principalmente, a afetividade a um elo de vínculos, fortalecidos por relacionamentos interpessoais benéficos, aliados de forma amorosa, dialógica, respeitosa, segura.

No relato de uma professora da educação infantil vê-se a importância dessa relação afetiva: “Uma educação com amor, onde com carinho e conversa e respeito se educa”. [sic]

Assim como nos estudos científicos que identifica critérios a esse respeito, a maioria das respostas (7) tende a estabelecer uma relação de cumplicidade convívio, e proximidade com o contexto do aluno, Freire (1996, p. 42) nos diz que “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na



vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. [sic]

Outra parte das respostas (3) demonstra a ideia de “processo de aprendizagem” aquele que visa investigar a complexidade do aluno, visão presente nos apontamentos em capítulo anterior e ainda conforme Almeida (2003, s/p), o professor precisa conhecer as teorias de desenvolvimento, de aprendizagem, de personalidade que os livros ensinam.

Nessa outra categoria afirma-se a necessidade da afetividade no processo de aprendizagem, conforme a seguinte fala de uma professora de educação infantil: “É um facilitador para o processo de ensino e aprendizagem”. [sic]

As demais ocorrências desse quadro (3) possibilitam acreditar na preocupação do professor tanto ao aspecto afetivo quanto ao cognitivo.

Dessa forma, Almeida (2003, s/p), nos diz que a sala de aula tem de ser uma oficina de convivência, e o professor, um profissional das relações. Para tanto, a escola deve transmitir o pensamento, a arte, a civilização passada, ao mesmo tempo, que é um agente ativo de progresso e modernização.

De acordo com as evidências de mais uma categoria, nota-se o aspecto relevante no relato de uma professora da educação fundamental: “É uma educação que é voltada para o desenvolvimento global do aluno, pois o aluno é cognitivo, afetivo e social”. [sic]

**Quadro 2: Categoria 2 – Importância da afetividade na relação professor X aluno**

CLASSES	Respostas	Nº de Ocorrências
<b>VALORES</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolvimento do respeito, confiança e amizade.</li> <li>➤ Sensibilidade que gera empatia visando o processo de aprendizagem.</li> <li>➤ Fortalece vínculos emocionais na formação do sujeito.</li> <li>➤ Consciência de si, dos outros e da sociedade.</li> </ul>		4
<b>APRENDIZAGEM</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fornece disposição a aprendizagem.</li> <li>➤ Forma eficaz de interação ao processo educativo.</li> <li>➤ Desenvolve potenciais de aprendizagem.</li> <li>➤ Aprendizagem envolve emoção, afeto e conhecimento.</li> </ul>		4
<b>RELAÇÕES PESSOAIS</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Facilita as relações intra e interpessoais.</li> <li>➤ Aprende à medida que cria vínculo com o professor e o objeto de conhecimento.</li> <li>➤ Competência de escutar e construir um espaço com normas e regras.</li> <li>➤ Proporcionar desenvolvimento do aluno e prazeroso ambiente de convivência.</li> <li>➤ Conflitos perigosos entre professor e aluno devido à falta de afetividade.</li> </ul>		5

A maior parte (5) das características apontadas no quadro 2 nos mostra o quão a afetividade repercute nas relações interpessoais, Almeida (2003, s/p) esclarece que, nos grupos, o aluno poderá ter a vivência de papéis diferenciados, aprender a assumir e dividir responsabilidades, a respeitar regras, a administrar conflitos, compreender a necessidade do vínculo e da ruptura, aprender a conviver.

Conforme podemos verificar na fala de uma professora da educação infantil: “Sim! Porque quando um professor desenvolve essa competência de escutar e leitura de construir um espaço de relação com normas e regras de seus alunos, então sabe quando e como induzir neles o processo de aprendizagem” [sic].

Outra parte das respostas (4) demonstra a inserção de valores ao cotidiano escolar, o que refletiria numa convivência respeitosa, dialógica e amistosa a fim de que pudéssemos ter maior consciência de si, do outro e, da sociedade. Percebemos isso no relato da professora de educação fundamental:

“Porque ajuda o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela”. [sic]

Nessa perspectiva, Cerqueira e Sousa (2011, p. 23) afirmam que, “o ser humano que tem uma prática humanizada, dificilmente vai ter uma postura insensível, intempestiva, o que facilita o espaço para as ações solidárias, o espaço para estar disponível ao outro num simples gesto de escutar”.

As demais ocorrências (4) desse quadro configuram a preocupação constante a respeito da aprendizagem, aspecto que caminha junto à afetividade, assim, Cerqueira e Sousa (2011, p.38) admitem que “o professor precisa reconhecer as variáveis externas ao espaço da sala de aula que em certo momento vêm à tona e, muitas vezes, influenciam no processo educativo como um todo”.

Ressalta-se a suma importância de o professor ser o grande mediador e o seu papel é de facilitar e mediar, da melhor maneira, o processo de aprendizagem. Vê-se na fala de uma professora da educação infantil: “É essencial para desenvolver os potenciais de aprendizagem” [sic].

**Quadro 3: Categoria 3 – Ausência da afetividade na educação**

CLASSES	➤ Respostas	Nº de Ocorrências
<b>RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Impossível haver troca entre professor e aluno.</li> <li>➤ Falta de limites e respeito.</li> <li>➤ Agressividade, desvalorização do indivíduo, descrença no ser humano, ausência de valores.</li> <li>➤ Indisciplina, e desvalorização da educação.</li> <li>➤ Ausência de vínculo.</li> <li>➤ Desconfiança de ambas as partes.</li> </ul>	6
<b>ASPECTOS NEGATIVOS AO ALUNO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desrespeito, raiva, agressividade e isolamento.</li> <li>➤ Indisciplina, baixa autoestima.</li> <li>➤ Família interfere no processo de forma contrária.</li> <li>➤ Somente transmissão de conhecimento.</li> <li>➤ Desconhecimento das próprias dificuldades.</li> </ul>	5
<b>CONTEXTO ESCOLAR</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Salas de aula lotadas, sobrecarga de assuntos no currículo, ausência de valores.</li> </ul>	1
<b>APRENDIZAGEM</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Não acontece em sua plenitude.</li> </ul>	1

A maior parte (6) das características apontadas no quadro 3 nos permite perceber o quão a relação do professor e aluno é afetada pela ausência da afetividade, a qual é muito relevante em qualquer relacionamento. Sem afetividade não há troca entre os pares, surge assim a indisciplina e a agressividade.

Outro fator é frequente falta de respeito e limites entre professor e aluno. Conforme verificamos na fala de uma professora da educação fundamental: “Como falei antes: falta de respeito, raiva, agressividade e até o isolamento da criança (aluno), prejudicando sua aprendizagem”. [sic]

Corroborando esta ideia, Oliveira (2005) elucida que, “a cultura do ambiente orienta as crianças a desenvolverem maneiras de agir, pensar e

sentir, num constante processo de elaboração de suas identidades” (*apud* CERQUEIRA e SOUSA, 2011, p. 64).

Detecta-se outra predominância de características (5) quando a educação não integra o aspecto afetivo deixa de lado uma esfera primordial ao aluno, e possivelmente, isto refletirá em seu modo de agir com os pares, com o professor, com seus familiares e, principalmente, consigo mesmo, aparecendo aspectos comportamentais negativos; raiva, agressividade, desrespeito, isolamento baixa autoestima, não contemplando uma educação de qualidade. Identificamos certas características no relato de uma professora da educação fundamental: “Quando a família não compreende e interfere no processo, agindo de forma contrária” [sic].

No que tange às demais ocorrências desse quadro no quesito contexto escolar (1) e aprendizagem (1), configura-se a preocupação constante dos docentes relativo ao contexto escolar e o efeito da aprendizagem em si, assim, é fundamental atentarmos para a dinâmica do dia a dia em uma instituição escolar, onde se tenha uma boa infraestrutura, um currículo flexível, e, acima de tudo, troca de valores, assuntos coerentes à prática docente de qualidade.

Agregamos a essa categoria as falas das professoras de educação infantil: “As salas de aula lotadas, o quantitativo de assuntos a serem trabalhados durante o ano (previstos no currículo) que deixa de lado os valores, a afetividade”, e ainda: “Ela não acontece em sua plenitude” [sic].

**Quadro 4: Categoria 4 – Ganhos da prática docente afetiva**

CLASSES	➤ Respostas	Nº de Ocorrências
<b>RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO</b>		4
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Respeito e cumplicidade.</li> <li>➤ Amor.</li> <li>➤ Disposição do aluno e menor desgaste emocional do professor.</li> <li>➤ Reconhecimento e valorização do indivíduo, considerando a humanização da educação.</li> </ul>		
<b>DESENVOLVIMENTO DO ALUNO</b>		6
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Psicológico, físico e cognitivo.</li> <li>➤ Estado de felicidade.</li> <li>➤ Sujeito crítico.</li> <li>➤ Aprendizagem significativa.</li> <li>➤ Dimensão cognitiva, afetiva e social.</li> <li>➤ Melhora da autoestima, bem como no rendimento escolar.</li> </ul>		
<b>APRENDIZAGEM</b>		3
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sujeito ativo.</li> <li>➤ Aproveitamento do conteúdo.</li> <li>➤ Reflexão da prática pedagógica, consciente dos direitos e deveres.</li> </ul>		

Na maior parte (6) das características apontadas no quadro 4, vê-se a importância da afetividade ao desenvolvimento do aluno, uma vez que fortalece o seu psicológico, seu físico e seu cognitivo, bem como amplia-se o seu senso crítico e sua autoestima, visando a sua aprendizagem significativa.

Freire (1996, p. 141) afirma que:

[...] Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la.

Evidencia-se essa categoria na fala de uma professora da educação infantil: “é a formação de cidadãos preparados para enfrentar a realidade, sujeitos críticos e preparados formadores de opiniões”. [sic]

Outro fator que englobou (5) diz respeito aos aspectos positivos na relação professor e aluno, nos quais se torna imprescindível a relação afetiva,

pois pauta o respeito, cumplicidade e amor, aspectos que subsidiam a humanização da educação, sem dúvida, capaz de qualificar a prática docente.

Freire (1996, p. 113) enfatiza que:

[...] Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Nessa outra categoria, refletimos a partir do relato da professora de educação infantil: “O respeito e a cumplicidade entre professor e aluno”. [sic]

A outra classe (3) abrange a aprendizagem, esta, se bem utilizada, dinamiza o processo educacional, torna o sujeito ativo, aspecto preponderante para atuação da sua cidadania, conhecedor de seus direitos e deveres. Amplia a visão do conteúdo, que permite a reflexão da prática docente em si. Conforme identificamos na fala de uma professora da educação fundamental: “Há uma aprendizagem significativa”. [sic]

Corroborando esta ideia, Chalita (2004, p. 59) elucida que, “a capacidade de aprender a aprender, a busca de uma visão ampla do mundo, o saber pensar são desafios reais para a escola do século XXI”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da pesquisa, identificamos muitos desafios a serem trabalhados sobre a temática da afetividade. De modo importante a pesquisa trouxe a necessidade de mais estudos que possam apontar algumas estratégias para trabalhar a interação afetiva entre alunos e professores. A docência tem a ciência de que o aspecto afetivo é fundamental a ser trabalhado dentro do ambiente escolar, conforme descrito na fundamentação teórica. As professoras fixam-se no que é explicitado por vários autores que se empenharam na temática em questão, porém sem se atentarem às suas reais especificidades em sala de aula, vários são os motivos, a sobrecarga do currículo, as salas lotadas, os conflitos de valores que divergem na relação familiar e escolar.

No entanto, essa pesquisa foi importante, também, para salientarmos quanto à necessidade de um apoio da equipe diretiva, da formação continuada do professor em sala de aula para que atue satisfatoriamente, que promova efetiva aprendizagem e interação entre os pares.

É notável que o professor fique sobrecarregado ao ter que lidar com mais de 40 alunos, uma vez que em sala de aula o professor se vê o tempo todo contra o relógio, tendo de se concentrar na organização e desenvolvimento das atividades e se estas são desenvolvidas com satisfatório desempenho por todos os alunos.

Evidenciamos as várias dificuldades de adaptação diante das demandas da escola, no entanto, por meio das análises, evidenciamos que as professoras percebem a contribuição da afetividade na sua prática docente, as respostas reforçam a ideia de uma educação afetiva ser necessária à formação integral do aluno, compreendendo que para ocorrê-la é importante além do cognitivo, visar o afetivo também, bem como que se estabeleçam vínculos e valores benéficos para um melhor processo de aprendizagem.

As reflexões desenvolvidas no trabalho evidenciam que, na relação professor e aluno, a afetividade contribui para instigar os alunos a terem senso



crítico, autoestima, a fim de que possam ter uma parceria respeitosa, estabelecendo tolerância e limites mutuamente.

Reforça-se a importância de realização de pesquisas que subsidiem ainda mais a atuação afetiva, pois, apresentam-se conflitos quando deixamos de lado o aspecto afetivo, recai na quebra da parceria, uma vez que o professor sendo o mediador do processo de aprendizagem, necessariamente, requer o reconhecimento das singularidades de seus alunos e, portanto, precisa ter vínculo. Além disso, deixando de lado o aspecto afetivo, tem-se a possibilidade de alunos indisciplinados, pois esses alunos talvez não entendam que as relações interpessoais precisam de respeito mútuo, de diálogo, de bons valores.

Acredito que o ponto principal foi a compreensão da responsabilidade do professor para com seu aluno, com intuito de estabelecer e mediar tanto o cognitivo quanto o afetivo, que resultam na qualidade do processo de aprendizagem.

Por último, houve contribuição à minha formação pessoal que se relaciona com a revisão dos conceitos apreendidos e aos meus conceitos. O trabalho possibilitou questionar minha concepção das relações interpessoais, além de compreender que a afetividade agrega estímulos e meios, maximizando as atitudes e condutas da prática docente.

Identifica-se nesta pesquisa, também, que a contribuição da afetividade na prática docente é capaz de fortalecer o aspecto cognitivo de alunos e professores, conseqüentemente, o processo educativo, uma vez que se admite o ser humano integral; aquele dotado de cognição, motricidade e afetividade.

Verifica-se nesta pesquisa que, as estratégias pedagógicas usadas pelos professores que são orientados por uma educação afetiva demonstram maior capacidade de aceitação ao outro, tolerância às diferenças, escuta sensível, capacidade de lidar com os conflitos, dentre outros fatores que auxiliam e qualificam a prática docente.

## **PARTE III**

### **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## PERSPECTIVA PROFISSIONAL

Por ter muitos professores em minha família, mãe, irmãos, tias e primos, sempre estive imersa em conversas sobre a educação, porém, desviei meu caminho e percorri outros setores do mercado de trabalho, o que ocorre até a presente data, pois estou como securitária há 8 anos, atual profissão que diverge da minha real vontade de atuação.

Assim, a minha maior perspectiva é poder atuar na área educacional, a princípio, na Educação Infantil, a qual pleitearei a vaga na carreira pública, por meio de concurso da Fundação.

A intenção é afetar aqueles que um dia serão atuantes em nossa sociedade, bem como planejar situações de ensinar/aprender por meio de técnicas metodológicas motivadoras e adequadas às realidades específicas.

A vontade é especializar-me nas áreas da educação, da psicologia, ou seja, fazer uma ponte entre educação e psicologia por causa da paixão que nutro em estudar o comportamento e os processos mentais, sou ciente de que experiências por meio da troca com o próximo agregam muito ao meu autoconhecimento.

A pretensão é a junção dessas áreas a fim de poder melhor mediar o processo de aprendizagem, é associar meios que favoreçam a aprendizagem no contexto da sala de aula.

Nessa perspectiva, debrucei-me nessa temática da afetividade, que é a chave mestra de um ensino de qualidade, é de suma importância visar o aluno em todas as suas dimensões, dotado de inúmeras possibilidades a serem despertadas mediante a inter-relação do cognitivo e do afetivo.

O maior propósito nessa minha jornada é a busca incessante em compartilhar interesses, de instigar a curiosidade, de mostrar ao aluno que há várias “vistas” de um mesmo ponto. Com tanto amor por essas duas áreas, tanto pedagógica como psicológica, tenho interesse em continuar minha formação sempre visando à educação como progressão humana.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas/SP: Papirus, 1999.

\_\_\_\_\_. O que é afetividade? Reflexões para um conceito. 2003. Disponível em: <http://www.cefetes.br/gwadoctpub/Pos-Graduacao/Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20EJA/Publica%C3%A7%C3%B5es/anped2001/textos/t2004446634094.PDF>. Acesso em: 3 de novembro de 2012.

BABBIE, E. *The practice of social research: survey research*. 4th ed., Belmont, Calif.: Wadsworth, 1986.

BARBIER, R. *A Pesquisa Ação*. Brasília: Liber Livro, 1994.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORDENAVE J. D., PEREIRA, A. M. *Estratégias de ensinoaprendizagem*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2005.

BUSHELL, D. *Classroom behavior: A little book for teachers*. New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. Escuta Sensível: o que é? (Escuta Sensível em diferentes contextos laborais). In: CERQUEIRA, T. C. S. (Org.) *(Con)Texto em escuta sensível*. Brasília: Thesaurus, 2011.

CHALITA, G. *Educação. A solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2004.

DANTAS, H. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon. *Temas em Psicologia*, v.1, n.3, Ribeirão Preto, dezembro de 1993. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000300010&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000300010&script=sci_arttext). Acesso em 03 de novembro de 2012.

DELORS, J. Os 4 pilares da Educação. In: DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1999.

DICIONÁRIO AURÉLIO. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom, 1994.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. *Revista de Administração Contemporânea*, vol. 5, no.spe. Curitiba, 2001.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552001000500010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552001000500010&script=sci_arttext). Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise do conteúdo*. Série Pesquisa. Brasília: Liber Livro, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. A pulsão e suas vicissitudes (1915). *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.XIV.

GIROUX, Henry. *Os Professores como Intelectuais – Rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GONÇALVES, C. A.; MEIRELLES, A. M. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2004.

IZAQUIERDO, I. Inteligência e aprendizagem no mercado de trabalho. In: CASALI, A. et al. (Orgs.). *Empregabilidade e organização*. São Paulo: Educ Rhodia, 1997.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. L. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 23. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. In: Novaes, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: FUNARTE/Companhia das Letras, 1987.

NASCIMENTO, M. L. B. P. A criança concreta, completa e contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. In CARRARA K. (Org.) *Introdução à Psicologia da Educação, seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.

NORO E. M. S, NORO L. R. A. *A auto-estima como facilitador do processo ensino-aprendizagem*. Revista de Humanidades, 2002.

OLIVEIRA, Z. M. et al. *Creches: Crianças, faz de conta e cia*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

OLIVEIRA, Z. R. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

\_\_\_\_\_. *A psicologia da criança*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

PEREIRA, L. M. L. *Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial*. In: *Análise & Conjuntura*. Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 109-127, set./dez, 1991.

PIOVESAN, A. TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, 29: 4/1995.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Nursing research principles and methods: interviews and questionnaires*. 3rd ed. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1987.

TRIVINOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLON, H. *Psicologia da Educação e da Infância*. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. *As Origens do Pensamento na Criança*. São Paulo: Manole Ltda, 1989.

\_\_\_\_\_. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 2007.

## CONSULTADOS

ALMEIDA, S. F. C. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas psicologia*, v.1, n.1, Ribeirão Preto, abril de 1993. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 05 de fevereiro de 2013.

ARANTES, V. A. *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Editorial Summus, 2009.

\_\_\_\_\_. *Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação*. s/a. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em: 12 de dezembro de 2012.

BAQUERO, V.. *Afetividade Integrada Libertadora*. Rio de Janeiro: Loyola, 1992.

BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <http://cursa.ihmc.us/rid=1GMSLFWNB-5RXV9C-GSQ/Saber%20Cuidar%20-%20Etica%20do%20Humano.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2012.

CRUZ, E. P.; LOHR, S. S. *O cinema como instrumento na Educação da Afetividade: um convite à reflexão e à humanização*. s/a. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1425-8.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2012.

DAMÁSIO, A. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DICIONÁRIO MICHAELIS. *Afetividade*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=afetividade>. Acesso em: 3 de novembro de 2012.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1): 17-27, janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v24n1/02.pdf>. Acesso em: 29 de dezembro de 2012.

HARIZ, I.; FRADE, C.; FALCÃO, J. T. R. Autoestima e desempenho escolar em matemática: contribuições teóricas sobre a problematização das relações entre cognição e afetividade. *Educar em Revista*, nº 26, Curitiba, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602010000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602010000100004&script=sci_arttext). Acesso em: 05 de fevereiro de 2013.

JUNG, K. *Afetividade na Educação Infantil*. 2011. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/afetividade-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2013.

KRUEGER, M. F. *A relevância da afetividade na Educação Infantil*. Instituto de Catarinense de Pós-graduação. s/a. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2012.

KUBO, O. M.; BOTOMÉ, S. P. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação em Psicologia* (Qualis/CAPES: A2), vol. 5, 2001. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/psicologia/article/viewArticle/3321>. Acesso em: 26 de dezembro de 2012.

LIMA, M. G. S. *A afetividade e suas relações no processo de ensino e aprendizagem*. Monografia de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional com Ênfase em Gestão Escolar. Iguatu, 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/9291600/Afetividade-No-Processo-Ensino-Aprendizagem>. Acesso em: 03 de novembro de 2012.

LUCCA, L. A. *Alfabetização afetiva*. São Paulo: Espaço Vida e Consciência, 1998.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação*, n.20, São Paulo, junho de 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100002&script=sci_arttext). Acesso em: 18 de novembro de 2012.

MARCELINO, K. J. A educação dos sentimentos. s/a. Disponível em: [http://www2.ouvidoria.pe.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?p\\_l\\_id=199119&folderId=201437&name=DLFE-17752.pdf](http://www2.ouvidoria.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=199119&folderId=201437&name=DLFE-17752.pdf). Acesso em: 03 de novembro de 2012.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBAÜS, C. D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. *Educação*, vol. 29, nº 1, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/438>. Acesso em: 17 de novembro de 2012.

NUTO, S. A. S.; NORO, L. R. A.; CAVALSINA, P. G.; COSTA, I. C. C.; OLIVEIRA, A. G. R. C. O processo ensino-aprendizagem e suas conseqüências na relação professor-aluno-paciente. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11(1):89-96, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11n1/29452.pdf>. Acesso em: 29 de dezembro de 2012.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F.; LOIUS, Roland. Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. *Psicologia da educação*, n.20, São



Paulo, junho de 2005. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100003&script=sci_arttext). Acesso em: 03 de novembro de 2012.

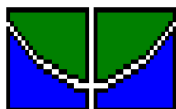
ROTHENBERGER, A.; CARNEIRO, D. *Afetividade – uma proposta para professores.* s/a. Disponível em:  
<http://www.slideshare.net/mbac123/afetividade#btnNext>. Acesso em: 30 de novembro de 2012.

SANTOS, S. D. M. A natureza do vínculo na vida humana. *Revista de Ciências Humanas*, Núm. 43-1, Abril 2009. Disponível em:  
[http://br.vlex.com/vid/natureza-iacuteculo-vida-humana-221376423?ix\\_resultado=6.0&query%5Bbuscable\\_id%5D=BR&query%5Bbuscable\\_type%5D=Pais&query%5Bq%5D=cogni%C3%A7%C3%A3o+e+afetividade](http://br.vlex.com/vid/natureza-iacuteculo-vida-humana-221376423?ix_resultado=6.0&query%5Bbuscable_id%5D=BR&query%5Bbuscable_type%5D=Pais&query%5Bq%5D=cogni%C3%A7%C3%A3o+e+afetividade). Acesso em: 03 de novembro de 2012.

SOUZA, M. A. *Prática Pedagógica: conceito, características e inquietações. IV Encontro Ibero-Americano de coletivos escolares e redes de professores que fazem investigação na escola.* Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em:  
<http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho024.pdf>. Acesso em: 26 de novembro de 2012.

## APÊNDICES

## APÊNDICE – 1



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROJETO 5 - TCC

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu \_\_\_\_\_,RG, \_\_\_\_\_,  
CPF:\_\_\_\_\_autorizo a pesquisadora **Roseli Aparecida Gonçalves**,  
estudante da Universidade de Brasília do Curso de Pedagogia da Faculdade de  
Educação, cujo projeto de pesquisa é denominado “A CONTRIBUIÇÃO DA  
AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE”, sob orientação da Profa. Dra. Teresa  
Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas no Questionário, do  
qual participo, por meio de respostas escritas, obedecendo aos critérios da ética de  
pesquisa, na qual está **assegurado o total anonimato**.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Participante/RG

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_

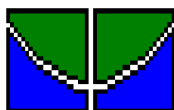
Data

---

Caso deseje obter o resultado desta pesquisa, por favor, pode entrar em contato pelo  
meu e-mail a partir de abril de 2013.

[roseliagm@gmail.com.br](mailto:roseliagm@gmail.com.br)

Agradeço antecipadamente,  
Roseli Aparecida Gonçalves



**APÊNDICE – 2**  
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**  
**DISCIPLINA: PROJETO 5**

**ROTEIRO DA PESQUISA DE CAMPO – (2º/2012)**

**QUESTIONÁRIO**

Sou Roseli Aparecida Gonçalves, concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, Faculdade de Educação e estou realizando uma pesquisa sobre o tema A Contribuição da Afetividade na Prática Docente sob a orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira. Informamos que não existe resposta certa ou errada, queremos saber a sua opinião sobre a temática.

Agradecemos, desde já, a sua participação e colaboração.

**PARTE I – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PARTICIPANTE**

IDADE:

SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO

ESTADO CIVIL: \_\_\_\_\_

FILHOS: ( ) SIM ( ) NÃO

EM CASO POSITIVO, QUANTOS FILHOS: \_\_\_\_\_

RENDA FAMILIAR

( ) ATÉ UM SALÁRIO MÍNIMO (R\$ 622,00)

( ) ATÉ 4 SALÁRIOS MÍNIMOS (R\$ 623,00 A R\$ 2.488,00)

( ) MAIS DO QUE 4 SALÁRIOS MÍNIMOS (ACIMA DE R\$ 2.489,00)

RELIGIÃO: \_\_\_\_\_

ENSINO SUPERIOR COMPLETO ( ) SIM ( ) NÃO

QUAL A ÁREA DE FORMAÇÃO? \_\_\_\_\_

POSSUI ESPECIALIZAÇÃO? ( ) SIM ( ) NÃO

EM QUAL ÁREA? \_\_\_\_\_

OUTROS CURSOS: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**PARTE II – QUESTÕES DE PESQUISA:**

**1. O que, em sua opinião, é uma educação afetiva?**

---

---

---

---

---

---

---

**2. A afetividade é importante na relação professor e aluno? Por quê?**

---

---

---

---

---

---

---

**3. Quais os maiores problemas em uma educação que deixa de lado o aspecto afetivo?**

---

---

---

---

---

---

---

**4. Quais os ganhos de uma prática docente afetiva?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Agradeço antecipadamente,  
Roseli Aparecida Gonçalves